

Jornal da UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Universidade

• Gerd Bornheim • José Paulo Bisol • Jorge Gerdau
Johannpeter • Lya Luft • Flavio Del Mese • Vitor Ramil •
Flávio Fava Moraes • Boaventura de Souza Santos •
Gilberto Schwartzmann • Ruben Oliven • Sérgio Adorno •
Milton Formoso • Miguel Murmis • Daniel Herz • Eduardo
Corsetti • Jefferson Barros • Maria Helena Weber • Jorge
Brovetto • Xico Stockinger • Alberto André • Rodolfo Pinto
da Luz • José Saramago • Carlos Alexandre Netto • Hugo
Juri • Ruy Carlos Ostermann • Octávio Ianni • Jader Nunes
de Oliveira • Barbosa Lessa • Roman Maiorga • Ubaldo
Zuñiga • Eva Sopher • Miguel Rojas Mix • Lauro Mohry • Jair
Krischke • Gonçalo Guimarães • Carlos Rodrigues
Brandão • Wrana Maria Panizzi • Cida Moreira • Antonio
Carlos Borges Cunha • Luis Miranda • Nelson Boeira • Tarso
Genro • Lúcio Kowarick • Reinaldo Guimarães • Mauro
Knijnik • Andrew Simpson • Francisco Mauro Salzano • Leo
Hartmann • Maria Inês Schmidt • Carlos Tucci • Evgen
Bavcar • Evandro Mirra • Armino Trevisan • Noam
Chomsky • Luiz Oswaldo Leite • Carlos Roberto
Santos • Marco Antonio R. Dias • Gabriel Macaya
Trejos • Renato Janine Ribeiro • Rafael Guarga • Anthony
Garotinho • Ciro Gomes • José Serra • Luiz Inácio Lula da
Silva • Sérgio Ferreira • Cristóvam Buarque • Roberto
Amaral • Luiz Fernando de Abreu Cybis • João Luiz
Becker • José Vicente Tavares dos Santos • Renato Machado
de Brito • O Que É A Paz? • Paulo Vinentini • Sérgio
Rezende • Marcel Bursztyn • Dilvo Ristoff • Ana Lúcia
Almeida Gazzola • Zuenir Ventura • Ennio Candotti •

Entrevistas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitora

Wrana Maria Panizzi

Vice-Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Jornal da Universidade

Clóvis Ott

Editor-Chefe

Ida Stigger

Editora Executiva

**Jornal da**
Universidade

•Gerd Bornheim•José Paulo Bisol•Jorge Gerdau
Johannpeter•Lya Luft•Flavio Del Mese•Vitor Ramil.
Flávio Fava Moraes•Boaventura de Souza Santos.
Gilberto Schwartzmann•Ruben Oliven•Sérgio Adorno.
Milton Formoso•Miguel Murmis •Daniel
Herz•Eduardo Corsetti•Jefferson Barros•Maria Helena
Weber•Jorge Brovetto•Xico Stockinger•Alberto
André•Rodolfo Pinto da Luz •José Saramago•Carlos
Alexandre Netto•Hugo Juri•Ruy Carlos Ostermann.
Octávio Ianni•Jader Nunes de Oliveira•Barbosa
Lessa•Roman Maiorga•Ubaldo
Zuñiga•Eva•Sopher•Miguel Rojas Mix•Lauro
Mohry•Jair Krischke•Gonçalo Guimarães•Carlos
Rodrigues Brandão•Wrana Maria Panizzi•Cida
Moreira•Antonio Carlos Borges Cunha•Luis
Miranda•Nelson Boeira•Tarso Genro•Lúcio
Kowarick•Reinaldo Guimarães•Mauro Knijnik•Andrew
Simpson•Francisco Mauro Salzano•Leo
Hartmann•Maria Inês Schmidt•Carlos Tucci•Evgen
Bavcar•Evandro Mirra•Armindo Trevisan•Noam
Chomsky•Luiz Oswaldo Leite•Carlos Roberto
Santos•Marco Antonio Dias•Gabriel Macaya
Trejos•Renato Janine Ribeiro•Rafael Guarga•Anthony
Garotinho•Ciro Gomes•José Serra•Luiz Inácio Lula da
Silva•Sérgio Ferreira•Cristóvam Buarque•Roberto
Amaral•Luiz Fernando de Abreu Cybis•João Luiz
Becker•José Vicente Tavares dos Santos•Renato Machado
de Brito•O Que É A Paz?•Paulo Vizentini•Sérgio
Rezende•Marcel Bursztyn•Dilvo Ristoff•Ana Lúcia
Almeida Gazzola •Zuenir Ventura •Ennio Candotti •

Entrevistas

© Universidade Federal do Rio Grande do Sul
1ª edição: 2004

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Rosâne Vieira
Revisão: Ida Stigger e Flavia Boni Licht
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Rosâne Vieira
Fotografia: Cibele Vieira, Daniela Picoral, Patrícia Haubert,
Reni Jardim e Ricardo Andrade.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadoria de Comunicação Social

Entrevistas / Jornal da Universidade. - Porto Alegre : UFRGS, 2004

Apresentação de Wrana Maria Panizzi

1. Jornalismo - Entrevista. 2. Cultura - Intelectuais - Entrevista.
I. Jornal da Universidade UFRGS. II. Panizzi, Wrana Maria. III. Ott, Clovis.
IV. Título.

CDU 07
008

Catálogo na publicação: Biblioteca Central da UFRGS

Sumário

Apresentação / 6	414 / Lúcio Kowarick
Gerd Bornheim / 8	424 / Reinaldo Guimarães
José Paulo Bisol / 18	436 / Mauro Knijnik
Jorge Gerdau Johannpeter / 30	450 / Andrew Simpson
Lya Luft / 40	460 / Francisco Salzano
Flávio Del Mese / 52	460 / Léo Afraneo Hartmann
Vitor Ramil / 62	472 / Maria Inês Schmidt
Flávio Fava de Moraes / 74	478 / Carlos Tucci
Boaventura de Souza Santos / 84	482 / Evgen Bavcar
Gilberto Schwartzmann / 96	496 / Evandro Mirra
Ruben Oliven / 102	506 / Armindo Trevisan
Sérgio Adorno / 114	516 / Mesa Redonda
Milton Formoso / 128	532 / Noam Chomsky
Miguel Murmis / 138	540 / Luiz Osvaldo Leite
Maria Helena Weber / 150	550 / Carlos Roberto A. dos Santos
Daniel Herz / 150	558 / Marco Antonio R. Dias
Eduardo Corsetti / 150	574 / Gabriel Macaya Trejos
Jefferson Barros / 150	582 / Renato Janine Ribeiro
Jorge Brovetto / 164	590 / Rafael Guarga
Xico Stockinger / 174	598 / Anthony Garotinho
Alberto André / 182	598 / Ciro Gomes
Rodolfo Pinto da Luz / 192	598 / José Serra
José Saramago / 200	598 / Luís Inácio Lula da Silva
Carlos Alexandre Netto / 210	608 / Daniel Herz
Hugo Juri / 220	618 / Reitores
Ruy Carlos Ostermann / 232	626 / Dirigentes
Octavio Ianni / 244	636 / Sérgio Ferreira
Jader Nunes de Oliveira / 254	646 / Cristovam Buarque
Barbosa Lessa / 264	656 / Roberto Amaral
Roman Maiorga / 274	662 / João Luís Becker
Ubaldo Zuñiga / 282	662 / José Vicente Tavares dos Santos
Eva Sopher / 294	662 / Luís Fernando de Abreu Cybis
Miguel Rojas Mix / 304	662 / Renato Machado de Brito
Lauro Mohry / 314	672 / O que é a paz?
Jair Krischke / 324	684 / Paulo Vinentini
Gonçalo Guimarães / 336	692 / Sergio Rezende
Carlos Rodrigues Brandão / 346	700 / Reitores avaliam
Wrana Maria Panizzi / 356	encontro com Lula
Cida Moreyra / 368	708 / Marcel Bursztyn
Antônio Carlos Borges Cunha / 376	716 / Dilvo Ristoff
Luiz Miranda / 386	722 / Ana Lúcia Gazzola
Nelson Boeira / 386	730 / Zuenir Ventura
Tarso Genro / 402	738 / Ennio Candotti

Paulo Vizentini



“O poder americano é mais aparente do que real”

A recente invasão do Iraque pelos Estados Unidos, apoiado pela Grã-Bretanha, foi o ruidoso e letal aviso de que a médio prazo os laços políticos e econômicos não mais serão os conhecidos atualmente, que foram definidos após a vitória dos aliados na II Guerra. De uma forma um tanto canhestra, os fundamentalistas católicos que dão sustentação ao governo republicano de George W. Bush estão tentando passar a idéia de que todos os países estão, definitivamente, submetidos à vontade de um severo e hiperarmado xerife que não pensará duas vezes antes de fazer valer a sua conveniência.

O professor de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e coordenador do Núcleo de Relações Internacionais do Instituto Latino-americano de estudos Avançados (ILEA/UFRGS), Paulo Vizentini, conversou sobre isso com Clovis Ott, do JU. Aliás, dentro do assunto, o professor está preparando o livro “O império americano contra-ataca” (Leitura XXI). Concorde que o atual governo dos EUA age com uma estratégia definida e agressiva, mas adverte que as resistências que encontrará também são muito grandes, como ficou demonstrado nas manifestações contra a invasão e pela paz, por todo o mundo e que, no seu próprio país, a credibilidade da Casa Branca já está bastante abalada.

JUNHO 2003 - EDIÇÃO Nº 63

Jornal da Universidade - O mundo ficou perplexo com a guerra atípica movida pelos Estados Unidos, com apoio da Inglaterra, contra o Iraque. O senhor poderia ressaltar aspectos desta peculiaridade?

Paulo Vizentini - A principal peculiaridade desta guerra foi a insistência e a pressão dos Estados Unidos em lançar um ataque ao Iraque, contra a vontade da comunidade internacional, da opinião pública mundial e, especialmente, dos seus próprios aliados. É bom lembrar que mesmo a Inglaterra de Tony Blair era, inicialmente, contrária ao conflito. Foi necessária muita pressão, e apenas países de segunda linha, como Espanha, Polônia e as pequenas petromonarquias do Golfo Pérsico atenderam facilmente ao pedido de apoio do presidente Bush. Os pretextos, como as armas de destruição massiva e supostos vínculos com o terrorismo, não convenciam, pois o regime de Saddam Hussein aceitou as inspeções da ONU, frente à determinação americana. Além disso, a tentativa de envolver a ONU fracassou completamente, sendo necessário contornar a organização no momento final. Mas o traço mais importante foi a recusa franco-alemã (o núcleo duro da União Européia) em seguir Washington e a crise da aliança atlântica (OTAN) que resultou da pressão americana. Todo o capital de simpatia e solidariedade que os Estados Unidos receberam após o 11 de setembro, desapareceu completamente. A arrogância da administração republicana teve como consequência a oposição da opinião pública, expressa em vigorosos movimentos pacifistas por todo mundo.

JU - Até hoje, passados três meses do início do conflito não foram encontradas as "armas de destruição em massa", o alegado e, agora confessadamente, mentiroso motivo da agressão contra o Iraque. Este fato não deixa os governos de George W. Bush e de Tony Blair numa posição, pelo menos, incômoda diante da opinião pública mundial e de seus próprios países?

Vizentini - É curioso, mas a popularidade de Bush está caindo mesmo nos Estados Unidos, pois as mentiras, a manipulação, o belicismo exagerado e os custos (baixos) que começaram a aparecer agora contrastam com o discurso oficial. Manipulações, como o caso do falso resgate da soldado americana aprisionada pelo exército iraquiano, completaram a desmoralização. A mídia americana e a nova produção cinematográfica de Hollywood são um reflexo desta mudança de atitude. Aliás, a própria guerra do Afeganistão, quase dois anos depois, ainda não acabou, e nenhum dirigente dos Talibãs ou da Al-Qaeda foi capturado, e os prisioneiros afegãos na base de Guantanamo são hoje uma dor de cabeça para a Casa Branca, frente à mobilização das organizações de defesa dos Direitos Humanos. Tony Blair, por outro lado, está numa situação ainda pior, pois os movimentos pacifistas ingleses foram muito fortes, e está enfrentando problemas enormes. O mesmo se passa com o primeiro ministro José Maria Aznar na Espanha, que arriscou seu futuro político. A mobilização dos espanhóis contra a guerra foi impressionante, abalando o governo.

JU - Saddam Hussein, ditador acusado de ter cometido vários crimes enquanto exerceu o poder no Iraque, foi derrubado pelas tropas anglo-americanas. Por que as forças de ocupação que permanecem no país não são vistas como "libertadoras", mas como "invasoras", como comprovam os conflitos diários entre essas tropas e iraquianos?

Vizentini - Por mais odiados que os ditadores da região possam ser aos olhos da população, eles são árabes, e isto não se compara ao vigoroso sentimento

anti-americano. O apoio irrestrito de Washington a Israel e o desprezo pelo mundo árabe e muçulmano são do conhecimento dos povos da região. Além disso, os bombardeios indiscriminados sobre o país, durante treze anos, fazem com que o sentimento de rejeição seja muito forte. Por outro lado, a inexistência de uma ajuda econômica substancial ao povo iraquiano e a visível cobiça pelos recursos naturais do país (petróleo e água) é indisfarçável e percebida mesmo pelo homem comum. Por fim, a incapacidade americana de compreender a lógica de outros povos, faz com que o convívio cotidiano se torne insuportável. E o fim do regime de Saddam faz com que os EUA sejam percebidos como o novo problema.

JU - O fato do Iraque ter sido invadido por forças dos dois países que estão na gestão do sistema mundial desde o pós-guerra de 1945, e o escancarado interesse pelo petróleo do sub-solo iraquiano, não escancara também um neo-colonialismo que pouco se importa com culturas, fronteiras, acordos, comércio, soberania, autodeterminação, etc.?

Vizentini - Sem dúvida! O colonialismo inglês gerou a frustração nacional dos árabes desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Depois de haver sido dominado pela Inglaterra, o Iraque tornou-se independente e buscou seu desenvolvimento, modernização e fortalecimento. Daí passou a sofrer pressões americanas, que contra eles apoiou Israel, o Irã do Xá Reza Pahlevi e, depois, as petromonarquias, inimigas das forças modernizantes do mundo árabe. Finalmente, treze anos de guerra anglo-americana contra Bagdá completaram o quadro. A rejeição à política das potências anglo-saxônicas já foi incorporada ao código genético dos povos da região, simbolicamente falando. Essas mesmas potências têm apoiado tiranos na região (como o próprio Saddam), espoliando seus recursos naturais e mantido os povos no atraso, inclusive apoiando grupos fundamentalistas islâmicos na época da Guerra Fria. Então, o discurso de libertação pode influir na percepção das classes médias ocidentais, mas não nos povos do Oriente Médio.

JU - Como o senhor interpreta o fato de Donald Rumsfeld, ministro norte-americano da Defesa e formulador da estratégia da invasão ao Iraque, ter dito que esta guerra era "de sinalização, não para os iraquianos, mas para outros atores, e não só no Oriente Médio"?

Vizentini - Acho que este é o principal fato da guerra. O "eixo do mal" é atacado porque não pode se defender, mas ele não constitui o verdadeiro inimigo. A autonomia da Europa ocidental, a recuperação da Rússia e a ascensão da China são os verdadeiros problemas, na percepção americana. Esta guerra teatral é destinada a impressionar os candidatos à posição de pólo de poder do século XXI e a bloquear o processo de emergência de uma constelação eurasiática em desenvolvimento. Em breve será lançado no Brasil o livro "Après l'Empire", do historiador e demógrafo francês Emmanuel Todd (Ed. Record), que recomendo a todos ler com muita atenção. O sentimento de declínio e desconforto que marcam a América ficaram evidentes. Se a maior potência do planeta derrotar o enfraquecido Iraque representa uma prova da vitalidade americana, então os EUA estão mal, pois o adversário não está à altura. É como o clube campeão derrotar um da segunda divisão. Washington também desejou demonstrar que nenhum país ou organização do mundo podem se opor à sua política. Isto não ajuda a construir uma hegemonia, que se baseia também em criar certo

consenso, aceitação e convergência de interesses.

JU - Na sua opinião, esta guerra não estaria desenhando, em níveis internacionais, esboços de novos campos geo-políticos, geo-econômicos, geo- culturais e ético-morais?

Vizentini - Acho que os Estados Unidos, apesar de tudo, não estão conseguindo seguir uma estratégia coerente para criar uma nova ordem mundial. Percebem corretamente os verdadeiros problemas (que não são o “eixo do mal”), mas não conseguem lidar frontalmente com eles, pois o mundo hoje é fortemente interdependente, e uma tensão frontal com a União Européia, Rússia e China, perturbariam o sistema mundial como um todo, afetando os próprios EUA. Assim, avançam pela linha de menor resistência, desperdiçando a força de que ainda dispõem, necessária para construir uma nova hegemonia. Ironicamente, o efeito da ação da administração republicana tem sido aprofundar os problemas, em lugar de resolvê-los, sendo o principal deles empurrar Paris, Berlim e Moscou para a formação de uma aliança informal, o “eixo da paz”, que é discretamente apoiado por Pequim. Então a Eurásia acaba emergindo como realidade geopolítica e geoeconômica, em resposta ao desafio americano. Os EUA têm perfeita consciência desta ameaça, como se observa em obras como “O grande tabuleiro”, do estrategista Zbigniew Brzezinski, ex-assessor do presidente Carter. Aprofunda-se também o fosso cultural em relação ao mundo muçulmano. Mas é interessante notar que a primeira vítima do ultra-conservadorismo dos falcões da Casa Branca têm sido a própria sociedade americana. Controlando as pastas da saúde, educação e justiça, os cristãos radicais da administração Bush têm, silenciosamente, avançado leis cerceadoras da liberdade e da igualdade. Talvez a reação venha de dentro da própria sociedade americana, na medida em que o trauma do 11 de setembro vá ficando para trás.

JU - O fim do regime soviético, a queda do Muro de Berlim, a criação de novos países e a migração para a esfera de influência ocidental de vários ex-membros do antigo Pacto de Varsóvia decretaram a vitória dos Estados Unidos na Guerra Fria. Esta vitória leva, inevitavelmente, ao estabelecimento do “Império”?

Vizentini - Acho que leva a uma “tentação imperial”, mas não ao Império. O mundo da globalização é vasto e complexo, com dinamismos múltiplos e blocos econômicos que são, cada vez mais, também políticos. Frente a esta realidade, faltam aos Estados Unidos três condições indispensáveis para a construção de um Império: recursos econômicos, capacidade militar e universalismo ideológico-cultural. O poder americano, exageradamente demonstrado, é mais aparente do que real. O país necessita da produção e dos capitais da Europa ocidental e da Ásia oriental para cobrir seus crescentes déficits. Basta ver que, a cada guerra, é necessário dividir a conta com aliados cada vez mais reticentes. A marinha e a aviação americanas possuem performances exemplares, mas seu exército tem demonstrado que só consegue lutar em condições de superioridade absoluta, o que representa uma desvantagem contra os países continentais da Eurásia. Como nação, os EUA estão super-armados, mas como Império, ainda despreparados. E sua cultura caracteriza-se por um crescente estranhamento em relação às demais, pois seu universalismo está em declínio, como se pode perceber pelo “Choque de civilizações” de Samuel Huntington. O mundo árabe-muçulmano, percebido como retrógrado, tem se caracterizado por uma grande redução da taxa de fecundidade nos últimos vinte anos, enquanto os

índices de alfabetização têm crescido, especialmente entre as mulheres, apesar da tentativa conservadora em reafirmar princípios ultrapassados (véu, lei islâmica, etc), que são justamente manifestações reativas, como ocorreu na história de outros povos. Contudo, ele é percebido como uma ameaça, apesar de estar se modernizando. O inglês é a língua universal dos internautas (como o latim na cristandade, após a queda do Império Romano), mas os idiomas e até dialetos locais têm, dialeticamente, se reafirmado, o que também ocorre no plano das culturas.

JU - Países como a França, Alemanha, Rússia, Turquia, China, Índia, Paquistão e Japão, aparentemente, se opõem a uma nova ordem mundial da qual os Estados Unidos surgem como os únicos líderes. Por sua vez, os Estados Unidos têm muito interesse político e econômico na criação de novas alianças e no impedimento que outras se formem. Quais as suas margens de manobra, principalmente dos países citados?

Vizentini - Que fique bem claro que o declínio americano não significa que vão deixar de liderar a curto ou médio prazo. É preciso observar, igualmente, que nenhum destes países deseja conflitar-se com os EUA, nem criar um bloco anti-americano. O euro vai ganhando terreno naturalmente e a China se enriquece, em parte, devido ao vantajoso comércio com os Estados Unidos (daí a postura discreta de Pequim durante a guerra). Não existe uma alternativa ao poderio e ao sistema americano neste momento nem no futuro imediato. Mas o mundo, que tende objetivamente a uma multipolaridade, não está disposto a aceitar formas de comportamento que sejam danosas ao sistema como um todo. Imaginem uma parceria onde as ações do sócio maior vão diminuindo, proporcionalmente, a cada ano. Ele tenta mudar as regras do jogo, mas os outros não aceitam, e não convém a ninguém acabar com a sociedade. É algo assim que está acontecendo. Então, a margem de manobra é pequena, mas existe e não pode ser impedida por Washington. Depois de quase sessenta anos, a Alemanha disse não e o Japão não disse sim... E a Rússia, que há pouco tempo parecia em desagregação, voltou a falar forte. A opinião pública, que estava calada desde o início da “guerra ao terrorismo”, voltou a falar a palavra paz. Finalmente, os EUA terão que recompor, ainda que parcialmente, suas abaladas alianças, pois após a guerra a diplomacia e o comércio prosseguem.

JU - Qual seria o papel da África e das Américas do Sul e Central neste xadrez?

Vizentini - Países como o Brasil e a África do Sul estão promovendo processos de integração na América do Sul e na África Austral, e se habilitando a participar de um sistema multipolar. Embora suas economias e poder sejam modestos comparados com os países anteriormente mencionados, eles encontram-se em espaços geopolíticos de menor tensão e, com as alianças externas adequadas, podem participar da grande política mundial. Aliás, já estão fazendo. Rejeitar a agenda militar e afirmar a do desenvolvimento econômico, já é uma grande contribuição e a recente criação do Grupo dos 3 (G-3: Brasil, África do Sul e Índia), logo após a reunião do G-7 é uma prova disto. Mas a América Central é área de influência americana e o centro-norte da África é um espaço ainda desorganizado, que depende do processo de paz do Oriente Médio e da projeção da União Européia na região.

JU - O senhor acredita que a ONU ainda tenha algum papel a cumprir a não ser o de enviar “forças mantenedoras de paz” a locais de conflitos pontuais e de menor

expressão, onde grandes interessados não querem desgastar sua imagem, perder dinheiro nem arriscar soldados?

Vizentini - No episódio da guerra anglo-americana contra o Iraque, a ONU caiu, mas de pé. Ela não autorizou o conflito e foi contornada. Os EUA tiveram um elevado custo político por isso. Mas não foi a primeira vez (e talvez nem a última), e a ONU continua necessária, pois constitui o único fórum político onde todos os países estão representados. O domínio de uma única potência é impensável e a tríade FMI/Banco Mundial/OMC não tem envergadura para gerenciar o planeta, pois são organizações econômicas. A crise sistêmica que abala o mundo demanda que a agenda político-diplomática receba prioridade, o que mesmo o mundo dos negócios começa a reconhecer. A gradativa emergência de um mundo multipolar terá como conseqüência necessária um novo papel para a ONU reformada, que será da conveniência inclusive dos Estados Unidos. Este país, apesar da equipe insensível e equivocada que o governa atualmente, não é nenhum monstro. Seu problema tem sido, desde o fim da Guerra Fria, encontrar um novo papel no mundo, o que ele ainda não conseguiu.

JU - De 1480 a 1800 ocorreu uma guerra a cada três anos; de 1800 a 1940, uma guerra a cada um ou dois anos; depois de 1945, uma guerra a cada 14 meses; no século XVIII, houve 68 guerras que fizeram quatro milhões de mortos; no século XIX, 205 guerras com oito milhões de mortos; no século XX, 275 guerras com 115 milhões de mortos. O senhor faria uma previsão para o século XXI, que recém alcança o seu terceiro ano?

Vizentini - Interessante que você partiu do século XV, pois creio que um grande ciclo histórico está se encerrando e dando início a outro. Este período foi marcado por quatro séculos de domínio europeu e um norte-americano. Agora o ímpeto da expansão do norte para o sul perde força e inicia-se um movimento inverso, com um ciclo que se completa. Não falo apenas dos movimentos migratórios em direção aos países desenvolvidos, mas de uma tendência histórica à estabilização do planeta, em termos de demografia, economia e cultura. Evidente que ainda estamos no ápice da crise e da transição, e ainda vão haver muitas guerras com grande mortandade. Mas o século XXI vai acabar conhecendo certa estabilidade, decorrente de um movimento histórico de longa duração, com a globalização e a revolução científico-tecnológica sendo matizadas por uma agenda social, ambiental e democrática. Sei que estas idéias, aqui apresentadas esquemática e provocativamente, estão em desacordo com as aparências, mas é preciso refletir um pouco além da conjuntura.